**Consciência, liberdade e oração[[1]](#footnote-1)**

*Considerar pessoas, acontecimentos e situações exclusivamente em relação a mim próprio, é o mesmo que viver no limiar do inferno*.

Thomas Merton, no terceiro capítulo de seu livro “Homem algum é uma ilha”, apresenta-nos quatorze ricas reflexões sobre a consciência, a liberdade e a oração, contextualizando sempre na relação que temos com o outro e com Deus.

A primeira questão levantada por Merton diz respeito ao egoísmo, que o coloca como uma mentira e condena seu portador à frustração. Lembra-nos sobre a grande ilusão que o egoísmo nos traz em relação ao aparente auto domínio, associado a própria liberdade que acreditamos nos conceder. Tal postura acaba demonstrando-nos claramente, pela ilusão que a envolve, nossa cegueira e egoísmo. Destaca, então, que para nossas escolhas serem realmente livres elas devem aperfeiçoar a nós mesmos e a nossa relação com o outro, pois tais escolhas devem permitir a plena realização de nosso eu profundo e não o nosso falso eu. Este falso eu, normalmente, dita nossas escolhas que acabam demonstrando ser limitadas, egoístas e equivocadas. Daí, por conseguinte, falta-nos a plena felicidade, pois fazemos o que agrada às nossas fantasias e não a nossa verdade. Porém, instintivamente, segundo Merton, nossa natureza nos inclina ao amor, à dedicação ao outro, e, assim, amplia cada vez mais o nosso sentimento de liberdade, especialmente quando nos voltamos para o outro. Ocorre que, para nossa plena liberdade ser atingida necessitamos servir à vontade de Deus, vinculando-a ao verdadeiro sentido da obediência, pois sem fé a obediência passa a perder seu verdadeiro sentido, e na ausência de Deus a lógica obediência aponta para a tirania.

O segundo ponto levantado aponta para a consciência como os olhos, a alma e a própria vida da liberdade, pois esta nada sabe sem a outra. Compara a liberdade com o amor, pois a primeira tende a definhar-se quando dissociada da consciência, igualmente como ocorre com o amor às cegas. Tomando esse caminho, Merton nos lembra que a liberdade não é uma escolha indeterminada, não é a escolha de “qualquer coisa”, mas sim a escolha de alguma coisa de bom. Porém, o autor aponta para a necessidade de uma consciência madura e prudente, pois a consciência infantil não é senhora de si mesma, não faz juízos próprios, não tem intensões pessoais, e se os tem acaba distorcendo-os, impedido o livre e verdadeiro amor ao outro.

A terceira reflexão se refere ao equívoco de se atrelar a livre vontade com a gratuidade dos seus atos, dando o exemplo da errônea ideia de um homem é mais rico na direta proporção da possibilidade de jogar seu dinheiro fora. Não somos mais livres na medida em que podemos desperdiçar nossa liberdade, pois ela deve ser vista como um talento, não devendo, assim, ser jogado fora ou destruído. Com sua aplicação correta, este talento acaba se valorando e ampliando, levando seu portador a plena felicidade. O autor destaca, então, a importância do aprofundamento da nossa união com a vontade de Deus, robustecendo nossa vontade, e abrindo nosso olhar para vastos horizontes. Dessa forma, lembra-nos Merton que, o quanto mais cheio da graça divina estivermos, maior a possibilidade de alcançarmos fins que jamais acreditávamos ser possíveis.

O quarto ponto diz respeito ao papel da nossa consciência como luz para a interpretação da vontade de Deus, em que pese a liberdade que temos para nossos atos. Merton aponta para tanto a consciência psicológica voltada para as ações praticadas e a consciência moral que é voltada para avaliar o quão bem agimos, julgando, assim, o valor dos nossos atos. Afirma ainda que a inteligência e a liberdade são o que distingue o homem do resto da criação e ele amadurece na sua humanidade por meio da gradativa conquista do prudente domínio de sua atividade moral. Merton chega a dizer que “*a consciência é a face da alma*”.

O quinto ponto, em continuidade ao quarto, aponta a vida de oração como responsável pelo aprofundamento, confirmação e desenvolvimento da consciência moral.

O sexto aspecto abordado se refere à consciência psicológica, sendo destacado pelo autor a importância de a deixarmos agir de forma instintiva e mais livre, visando atingir sua maior utilidade, isto é, seria ideal que ela fosse um instrumento de visibilidade do mundo, sem, no entanto, ser identificada. Chega ao ponto de ressaltar a importância deste tipo de consciência para a correta visão da beleza que nos cerca, até porque, segundo Merton, tudo o que existe é belo à medida que é real, mesmo quando não são diretamente para nós. Lembra-nos o autor de que, diferentemente do que muitos imaginam, o primeiro passo da vida interior não é o aprendizado do “não ver”, “não provar”, “não ouvir”, ou “não sentir” as coisas do mundo. Devemos sim desaprender nossa forma equivocada de ver, provar, ouvir e sentir, passando para meios corretos de sua prática. Merton questiona, assim, a visão equivocada do ascetismo na modernidade. Até porque, para ele, a renúncia não deve ser vista como um fim em si, mas sim como um instrumento para melhor utilizar as coisas disponíveis no mundo.

A sétima reflexão nos traz a vinculação entre arte e a oração, inclusive abordando a postura da alma em seu estado sublime e fecundo diante da arte, descobrindo em si novas e belas capacidades diante do mundo. Lembra-nos como a própria Igreja sempre trouxe a relação próxima entre oração e arte, chamando a atenção para o cuidado na diferenciação entre arte e divertimento. Como justificativa para tanto, Merton frisa a inexistência de se ter na arte um fim em si mesma, pois ela deve atuar como introdutora da alma visando uma ordem espiritual mais elevada, induzindo uma “*espécie de contato com o Criador*”, tornando-nos mais sensíveis ao mistério do ser, ao sairmos das profundezas de Deus e a Ele retornamos.

O oitavo ponto abordado por Merton refere-se à relação entre subconsciente e oração. Ele afirma que se a oração for verdadeira e forte, não há razão para qualquer análise. Mas, caso contrário, até existe valia nesse processo analítico, dando como exemplo a falsa mística, o falso ascetismo, o sentimentalismo religioso, casos em que a análise do subconsciente tem sua validade na verificação do que se passa por “religião”. Ressalta a importância de uma profunda análise sobre nossa prática religiosa, destacando a possibilidade de não sermos os místicos, os mártires, os apóstolos, ou os amigos de Deus que imaginamos ser. É importante que verifiquemos o que o nosso subconsciente deseja nos comunicar.

A nona abordagem do tema traz-nos novamente a consciência psicológica, afirmando Merton que é secundária na vida espiritual, pois está ligada à formulação abstrata e geral da lei moral. Já a consciência moral, diferentemente, abraça a vontade e o amor de Deus por nós, considerados como parte da “*lei viva*”. Para tanto, traz-nos como exemplo a justiça dos escribas, com sua letra da lei, insuficiente para somente com ela se entrar no reino dos céus, fazendo-se necessário ir além da letra morta, com o seu cumprimento em espírito e verdade. Merton destaca a *nova lei* que repousa em Cristo, indo além do formalismo e da observância exterior, pois não é apenas um código externo de comportamento, mas sim uma vida interior, é o viver pelo Espírito de Deus.

O décimo ponto nos traz a função geral da vida de oração que é iluminar e confirmar a nossa consciência, para que possamos ir mais além dos preceitos aparentes e da formalidade da lei, a partir de nossa união com a vontade de Deus.

A décima primeira questão refere-se ao fato de já nascermos com uma consciência a qual nos exige, constantemente, que façamos o bem. Independente de nossa liberdade, a nossa alma, para sermos felizes, reclama uma moralidade e uma liberdade espiritual. Lembra-nos Merton de que a procura do esclarecimento e da disciplina para solução dos problemas da vida é o primeiro dever de cada pessoa. Já a sociedade deve propiciar a habilitação de cada pessoa para sua formação espiritual.

A décima segunda reflexão apresenta-nos a afirmativa de que o homem é assim como reza, pois somos de acordo com o nosso falar com Deus. Segundo Merton, a pessoa que não ora, fugindo de Deus, foge de si mesmo, apesar de apresentar uma situação melhor do que aquele que ora com um coração mentiroso e falso.

O décimo terceiro aspecto apontado por Merton tem seu início com a afirmativa de que “*a oração é inspirada por Deus nas profundezas do nosso nada*”, movendo nossa confiança, gratidão e adoração. De forma bastante intrigante, o autor destaca a oração que nada tem a pedir, baseando-se em sua pureza, ser decorrente do desconhecimento de quem é Deus e da própria carência que tem dEle. Assim, para Merton, toda verdadeira oração confessa a dependência absoluta do Senhor. Somos, pela oração, elevados a uma alta perfeição, caracterizando-se como uma das mais perfeitas atividades. Para o autor, devemos ter cuidado para não ficarmos “espiritualmente mortos”, ou mesmo “adormecidos”. Pois, assim nos encontramos quando não nos desprendemos de nós mesmos e dos cuidados do mundo, e não nos voltamos, pela oração, ao que é de mais importante – Deus.

O décimo quarto e último ponto aponta os níveis de atenção na oração. O primeiro deles é a atenção puramente exterior, quando nossa oração é expressa exclusivamente pelos lábios, sem envolver o coração; o segundo é quando, apesar de pensarmos em Deus ao orarmos, este pensamento está desvinculado da oração, ou seja, mesmo pensando nEle, não mantemos, de fato, contato com Ele; outro nível está relacionado às distrações cotidianas, limitando nossa oração; no quarto nível, em que pese estabelecermos uma íntima relação com Deus e recebermos luzes focadas aos nossos problemas e às dificuldades de outros aos quais rogamos, o nosso principal interesse está mais relacionado aos tais problemas ou às pessoas pelas quais intercedemos, do que em Deus, o que acaba levando o nosso coração à insatisfação; outro nível encontra-se na íntima relação estabelecida com Deus, alimentando e transmitindo o nosso amor por Ele, porém, mantemo-nos conscientes de nós mesmos, sentindo que somos o principal sujeito desse processo; existe, ainda, o nível em que a consolação dá lugar ao medo, trazendo-nos angústia e dúvida, questionando se, de fato, amamos Deus, verdadeiramente, em algum momento, sobrando-nos, então, vergonha e medo. Tal questionamento, apesar de angustiante, leva-nos à reflexão sobre nossa realidade e, segundo Merton, nesse momento é que aprendemos a rezar. Esta aridez e sensação de desamparo, caso enfrentados de forma paciente, leva-nos a pedir apenas que façamos a vontade de Deus, o que passa a ser, de fato, uma oração pura. Assim, para Merton, a oração pura é totalmente desprovida de intensão, “*sem qualquer ideia de satisfação subjetiva*”.

Para finalizar, trazemos a seguinte fala do próprio autor:

A oração mais pura é algo sobre que é impossível refletir antes que ela tenha cessado. E, quando a graça passou, não procuramos refletir sobre ela, compreendendo que ela pertence a outra ordem de coisas e será, de alguma forma, degradada pela nossa reflexão. Uma oração como essa não ambiciona testemunhos, nem sequer o da nossa própria alma. Ela procura guardar-se inteiramente escondida em Deus.

Resenha elaborada por Rev. Frei João Milton.

1. Segundo capítulo do livro Homem algum é uma ilha de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)